

A SEMIÓTICA NOS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL: UM LEVANTAMENTO DOS CONTEÚDOS E DAS CORRENTES TEÓRICAS A PARTIR DOS CURRÍCULOS

Etefania Cristina Pavarina, Universidade Estadual Paulista (Unesp), <https://orcid.org/0000-0002-3626-5567>

Giovanna Teodoro Rosa, Universidade Estadual Paulista (Unesp), <https://orcid.org/0000-0003-1620-0261>

Carlos Cândido de Almeida, Universidade Estadual Paulista (Unesp), <https://orcid.org/0000-0002-8552-1029>

RESUMO

Dentre os fundamentos essenciais para a formação do profissional da informação estão os conteúdos ligados às teorias da linguagem, presentes principalmente nas disciplinas relacionadas à Organização da Informação e do Conhecimento. A semiótica por ser uma ciência que estuda os processos de significação e as linguagens, liga-se ao ensino de biblioteconomia. Assim, o objetivo desta pesquisa é analisar os conteúdos e correntes teóricas da semiótica nos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil. Para isso, essa pesquisa, de abordagem qualitativa e natureza teórica, utiliza o método da pesquisa documental a partir de um levantamento dos cursos de biblioteconomia no Brasil na plataforma e-Mec. Como resultado, apresenta-se uma análise dos planos de ensino, ementas e bibliografias das disciplinas analisadas, identificando os principais teóricos e abordagens presentes no ensino de biblioteconomia. Conclui-se que as bibliografias das disciplinas se voltam mais para obras que façam introdução à semiótica geral e suas diversas teorias, uma abordagem mais adequada para um primeiro contato com a teoria. Assim, o contato com os clássicos da semiótica fica restrito ao pensamento dos comentadores disponíveis.

Palavras-Chave: Ensino de Biblioteconomia; Teorias Semióticas; Relações Disciplinares; Ciência da Informação.

SEMIÓTICA EN CURSOS DE BIBLIOTECONOMÍA EN BRASIL: UN ESTUDIO DE CONTENIDOS Y CORRIENTES TEÓRICAS DEL CURRÍCULO

RESUMEN

Entre los fundamentos esenciales para la formación de los profesionales de la información se encuentran los contenidos relacionados con las teorías del lenguaje, presentes principalmente en las disciplinas relacionadas con la Organización de la Información y el Conocimiento. La semiótica, como ciencia que estudia los procesos de significación y los lenguajes, está vinculada a la enseñanza de la biblioteconomía. Así, el objetivo de esta investigación es analizar los contenidos y las corrientes teóricas de la semiótica en los cursos de pregrado en biblioteconomía en Brasil. Para ello, esta investigación, de enfoque cualitativo y naturaleza teórica, utiliza el método de investigación documental a partir de una encuesta de cursos de biblioteconomía en Brasil en la plataforma e-Mec. Como resultado, se presenta un análisis de los planes de enseñanza, menús y bibliografías de las disciplinas analizadas, identificando los principales teóricos y enfoques presentes en la enseñanza de la biblioteconomía. Se concluye que las bibliografías de las disciplinas se centran más en las obras que hacen la introducción a la semiótica general y sus diversas teorías, un enfoque más adecuado para un

primer contacto con la teoría. Así, el contacto con los clásicos de la semiótica se limita al pensamiento de los comentaristas disponibles.

Palabras-Chave: Enseñanza de la Biblioteconomía; Teorías Semióticas; Relaciones Disciplinarias; Ciencia de la Información.

SEMIOTICS IN LIBRARY SCIENCE COURSES IN BRAZIL: A SURVEY OF CONTENTS AND THEORETICAL CURRENTS FROM THE CURRICULUM

ABSTRACT

Among the essential foundations for the training of information professionals are the contents related to theories of language, present mainly in disciplines related to the Organization of Information and Knowledge. Semiotics, as a science that studies the processes of signification and languages, is linked to the teaching of librarianship. Thus, the objective of this research is to analyze the contents and theoretical currents of semiotics in undergraduate courses in librarianship in Brazil. For this, this research, of qualitative approach and theoretical nature, uses the method of documentary research from a survey of library science courses in Brazil on the e-Mec platform. As a result, it presents an analysis of the teaching plans, menus and bibliographies of the courses analyzed, identifying the main theorists and approaches present in the teaching of librarianship. It can be concluded that the bibliographies of the courses focus more on works that introduce general semiotics and its various theories, an approach more appropriate for a first contact with the theory. Thus, the contact with the classics of semiotics is restricted to the thought of the available commentators.

Keywords: Library Education; Semiotic Theories; Disciplinary Relations; Information Science.

1 INTRODUÇÃO

A implementação do ensino e de práticas biblioteconômicas no Brasil se deu no início do século XX a partir da criação do curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional (Souza, 2009), desde então foram elaboradas disciplinas com conteúdos fundamentais para habilitar profissionais no âmbito de trabalho e para garantir uma boa formação acadêmica que propicie novos conhecimentos e o desenvolvimento da sociedade.

O período pós Segunda Guerra Mundial caracterizou-se pela “explosão informacional” originada pelos avanços científicos e tecnológicos e a crescente valorização da informação, fazendo com que um dos principais problemas da Ciência da Informação e, conseqüentemente, das áreas que a formam, como a Biblioteconomia, sejam a recuperação da informação, problema esse que configura a maior fonte de relações interdisciplinares do campo (Saracevic, 1995). Para uma recuperação

efetiva da informação, antes, faz-se necessário que a informação seja representada.

A organização da informação necessita, invariavelmente, que essa informação tenha seu conteúdo e seu suporte descritos. Ambos processos assentados na linguagem, tendo como resultado a representação da informação, ou seja, um conjunto de termos descritivos escolhidos para descrever e reproduzir o conteúdo e as informações essenciais de um documento. Essa atividade se estabelece como um processo de significação, onde o profissional da informação busca transmitir ao usuário uma versão mais generalizada e condensada de um documento, sem que esse perca seu significado original durante sua representação.

Assim, percebe-se que entre os fundamentos essenciais para a formação do profissional da informação estão os conteúdos ligados às teorias da linguagem, presentes principalmente nas disciplinas relacionadas à

Organização da Informação e do Conhecimento. Para García Gutiérrez (1984), o tratamento da informação está fundamentalmente ligado aos problemas da linguagem. As linguagens, tanto as naturais quanto as artificiais, são utilizadas como o principal meio de comunicação da informação, podendo ser consideradas aparatos da mediação da informação (Almeida, 2011).

Segundo Moura et. al (2002), nos últimos anos, a semiótica e a semiologia vêm realizando estudos que procuram compreender a linguagem em seus níveis teórico e aplicado, o que auxilia nas reflexões acerca da atuação da linguagem nas diversas áreas do conhecimento das quais constitui parte do problema de estudo. A Ciência da Informação, particularmente, o dilema da linguagem se intensifica, já que essa ciência se refere à organização, representação, recuperação e transmissão de informação e conhecimento de outras áreas do conhecimento (Almeida & Farias, 2016).

A semiótica, como ciência que estuda os processos de significação e comunicação verbal e não-verbal, inicialmente estabelece seu relacionamento com a Ciência da Informação no Brasil a partir da década de 1950, sob os moldes de conceitos linguístico-semiológicos incorporados às disciplinas dos cursos de Biblioteconomia (Almeida, 2016).

O conceito de estrutura, por exemplo, configura uma das contribuições semiológicas para a Ciência da Informação, responsável pela ideia de que, para conhecer uma estrutura, como a língua, se faz necessário conhecer e compreender seus elementos que a constitui e suas relações internas. Dessa forma, a mudança de um elemento dessa estrutura acarreta na modificação de todo o sistema.

Alguns conceitos semióticos, como semiose, signo, interpretante e observação colateral, podem contribuir significativamente para o tratamento e organização da informação (Moura et al., 2002). A semiose alude ao sentido produzido; O signo linguístico é formado pela

imagem acústica e o conceito, enquanto o signo em Peirce trata da representação de algo para alguém; o interpretante vai ser o produto da relação entre signo e objeto representado; a observação colateral refere-se à relação já existente entre a coisa representada pelo signo e seu intérprete.

O caráter interdisciplinar de uma área se origina a partir de problemas que não podem ser inteiramente resolvidos por uma única disciplina, tornando necessário novas bases teóricas e metodológicas para uma nova abordagem da problemática. Novos problemas passam a necessitar de soluções pautadas em fundamentos teórico-metodológicos cada vez mais substanciais, “[...] capazes de suportar as práticas aplicadas nos mais diversos contextos sociais e organizacionais” (Ribeiro, 2010, pp.63).

Nesse contexto, nascem as relações interdisciplinares entre a Ciência da Informação e outros campos do conhecimento, como a semiótica, concentrando-se na ampliação de sua fundamentação de ordem teórica utilizada, principalmente, na organização e representação da informação para sua futura recuperação e transmissão.

Considerando a importância da relação interdisciplinar entre Ciência da Informação e semiótica para o estudo da informação e de suas propriedades, o objetivo desta pesquisa foi analisar os conteúdos e as correntes teóricas da semiótica nos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil. Os objetivos específicos para consecução desse levantamento foram: a) identificar quais cursos utilizam fundamentos semióticos em suas disciplinas; b) identificar as principais linhas de abordagens semióticas; c) identificar os teóricos e autores que fundamentam a semiótica nos cursos de biblioteconomia no Brasil; d) analisar quantitativamente as disciplinas que possuem teorias semióticas em seu plano de ensino, notadamente ementas e bibliografia.

Por ser uma área habituada a retirar de outras disciplinas apenas aquilo que seja imediatamente aplicável a suas práticas, a

Ciência da Informação, bem como a biblioteconomia, possui uma lacuna no que se refere às reflexões e considerações acerca das teorias provenientes de outros campos que

fazem parte de seu *corpus* teórico. Dessa forma, a pesquisa se justifica mediante a relevância das teorias semióticas na configuração epistemológica da Biblioteconomia.

2 MARCO TEÓRICO

Essa seção destina-se à fundamentação teórica que deu base para o desenvolvimento do estudo e da discussão do ensino de semiótica nos cursos de Biblioteconomia no Brasil.

2.1 Breve Percurso do Ensino de Biblioteconomia no Brasil

O ensino em Biblioteconomia e Ciência da Informação ocupa-se tradicionalmente com todos os aspectos relacionados ao gerenciamento de dados, informações e documentos, desde a criação, seleção, organização, armazenamento, recuperação, acesso, disseminação, preservação e uso. Na estrutura curricular, as disciplinas basilares biblioteconômicas assimilam contribuições de outras áreas, tais como a Ciência de Dados, Linguística, Comunicação, Humanidades Digitais, por compartilharem preocupações similares em relação aos objetos de estudo da informação (Murillo et al., 2020).

No Brasil, o ensino de Biblioteconomia se deu, inicialmente, a partir da criação do primeiro curso em 1915 na Biblioteca Nacional, que possuía duração de um ano e tinha como pré-requisito a conclusão de um curso de Humanidades e a aprovação em um exame específico de admissão. Esse primeiro curso era estruturado em quatro disciplinas: Bibliografia, Paleografia e Diplomática, Iconografia e Numismática. Os conteúdos e processos de catalogação, classificação, organização e administração de bibliotecas eram ministrados no escopo da disciplina de Bibliografia (Souza, 2009).

Já nesse período inicial do curso, a partir da sistematização dos programas das disciplinas realizada por Almeida (2012), observou a manifestação das preocupações do estudo da linguagem, em aspectos linguísticos, na disciplina de Iconografia e nos conteúdos

relativos à Classificação. Essas preocupações, mesmo que em moldes linguísticos, serviram de base para a introdução, nos anos seguintes, de estudos mais complexos referente não somente à linguagem verbal, mas às mais variadas manifestações de diversas linguagens (considerando a necessidade de tratamento de documentos visuais, por exemplo) com discussões de caráter semiótico, mesmo sem utilizar os termos específicos dessa área.

O segundo curso de Biblioteconomia foi instalado na Cidade de São Paulo, no Mackenzie College, em 1929. Destaca-se que em 1930, também em São Paulo, houve a criação da primeira escola de Biblioteconomia, com o apoio do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, sob a direção de Rubens Borba Alves de Moraes, trazendo novos moldes e expectativas para o ensino da Biblioteconomia, inaugural até aquele momento no Estado de São Paulo (Russo, 1966). Borba de Moraes, em uma entrevista, afirma que

[...] era uma Escola, não um Curso; e isso pegou [...] O Curso que fundei em São Paulo foi uma necessidade, não havia escolas de Biblioteconomia. Os responsáveis pelas bibliotecas eram nomeados porque gostavam de livros e eram, geralmente, poetas, escritores etc., e o resultado prático era lamentável. [...] Nós dávamos uma grande ênfase às questões técnicas; a catalogação era uma coisa importante, que tinha um desenvolvimento bastante grande; a classificação a mesma coisa (Moraes, 1988, pp.3 como citado em Souza, 2009, pp.57).

A partir daí, a formação profissional voltou-se às práticas, às técnicas e às instrumentalidades da profissão.

Depois foram inaugurados outros cursos de biblioteconomia no âmbito nacional e seus currículos sofreram diversas alterações no que diz respeito à duração, às matérias fundamentais e carga horária.

Em 1962, foi introduzido no Brasil o Currículo Mínimo para padronizar a base do ensino, a formação do bibliotecário e estipular um tempo mínimo de 3 anos de duração dos cursos, independente das instituições que os sediavam (Russo, 1966).

Verifica-se no primeiro currículo mínimo, estabelecido pelo Conselho Federal de Educação mediante a Resolução s/nº, de 16 de novembro de 1962, na forma do Parecer nº 326/62, o curso de duração de três anos, nos quais as disciplinas do primeiro ciclo correspondiam às áreas de Filosofia e Ciências Humanas (44 créditos), as disciplinas do segundo ciclo à formação básica e geral (28 créditos) e à formação profissional e específica (53 créditos), além do estágio supervisionado para o trabalho de conclusão de curso (3 créditos) e Educação física e desportos (1 crédito).

Quadro 1: Disciplinas do primeiro Currículo Mínimo

Áreas de correspondência	Disciplinas
Filosofia e Ciências Humanas	- Introdução aos estudos históricos; - Introdução à Filosofia; - Introdução à metodologia das Ciências Sociais.
Formação básica e geral	- História do livro; - História da Literatura; - História da Arte; - Estética; - Estudos de problemas Brasileiros I; - Estudos de problemas Brasileiros II.
Formação profissional e específica	- Organização de Bibliotecas; - Administração de Bibliotecas; - Técnicas de catalogação I; - Técnicas de catalogação II; - Linguagens de indexação; - Sistemas de Classificação I; - Sistemas de Classificação II; - Técnica de Pesquisa Bibliográfica;

- Bibliografia I;
- Bibliografia II;
- Documentação;
- Reprografia;
- História da Escrita;
- Tratamento de Materiais Especiais;
- Relações Humanas.

Fonte: Elaboração própria (2022).

A inserção do Currículo Mínimo representou um marco significativo para o reconhecimento da profissão em nível universitário e trouxe à tona discussões entre os profissionais e docentes do campo no que diz respeito ao enfoque tecnicista do curso e a necessidade de implementação de conteúdos e disciplinas de cunho social e cultural que representassem os avanços sociais, culturais e tecnológicos da época (Hübner, 2021). Mediante este cenário, Dias (1955, pp.22 como citado em Hübner, 2021, pp.96) pontuou que

[...] as atuais escolas e cursos produzem quase exclusivamente pessoal para as pequenas bibliotecas públicas – essencialmente especializado em processos técnicos, porém, pouco familiarizado com os problemas da cultura e da pesquisa.

Valentim (2000) considera que o currículo em Biblioteconomia passou por fases técnicas e fases humanísticas nas quais predominam e predomina até os períodos atuais a fase técnica mesmo que as estruturas dos cursos sejam direcionadas ao paradigma da informação, “[...] buscando um profissional dinâmico e competitivo que de fato atenda os anseios da sociedade brasileira” (Valentim, 2000, pp.8). Entretanto, os discursos destoantes de meados de 1960 dificultaram a consolidação de disciplinas de formação humanista, já que alguns teóricos e profissionais ainda defendiam que as práticas técnicas estavam mais alinhadas às necessidades das bibliotecas modernas (Hübner, 2021). A falta de reconhecimento de características humanísticas da profissão relacionadas aos aspectos sociais e culturais, além dos aspectos utilitários, trouxe um atraso na consolidação de disciplinas voltadas aos estudos de usuários e as suas necessidades.

A institucionalização de temas relacionados à formação do profissional bibliotecário ganhou moldes a partir da criação da Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia (ABEBD), em 1967, que posteriormente, em 2001 mudou de nome para a Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN), tendo suas discussões centradas no aprimoramento do ensino na área, considerando os conteúdos programáticos, métodos de ensino, adequação da carga horária das disciplinas, além da ênfase no desenvolvimento de disciplinas com aspectos culturais e sociais (Silveira, 2007, Hübner, 2021)

Assim, deu início um movimento de reflexão a partir da ABEBD composto por uma comissão de vários docentes universitários de Biblioteconomia de diversas universidades do Brasil para delinear um novo currículo mínimo que ganhou concretude em 1982, abarcando em sua proposição básica aspectos da multidisciplinaridade para a organização e tratamento dos documentos, além de destacar o papel do usuário nas atividades biblioteconômicas (Hübner, 2021).

Nesse segundo Currículo Mínimo, destacam-se o aumento da duração do curso para quatro anos, a sugestão de que as disciplinas de Documentação não desaparecessem, e a titulação do documento como “Currículo Mínimo do Curso de Biblioteconomia e Documentalista”, para resguardar os direitos dos profissionais documentalistas.

De acordo com o Documento Histórico (1983) a nova proposta de Currículo Mínimo deveria ser: a) mínima, apresentando disciplinas indispensáveis para a formação do profissional; b) incoativa, isto é, deve dar uma direção, um início a formação que impede que as instituições ofereçam menos do que o necessário à formação e, ao mesmo tempo, estimule que as instituições enriqueçam o seu currículo pleno de acordo com as suas necessidades de inserção de disciplinas que estejam alinhadas aos avanços e desenvolvimentos da sociedade; c) abrangente para abarcar disciplinas de

fundamentação geral, materiais instrumentais e materiais de formação profissional; d) flexível em relação à sua rigidez, isto é, aos modos como as matérias obrigatórias podem ser abordadas; e) complementar, isto é, deve compor matérias complementares entre si, como um organismo que articula as partes a serviço do todo.

Verifica-se no Quadro 2 a estrutura da composição do segundo currículo que divide as matérias em três conjuntos, como indicado anteriormente.

Quadro 2: Disciplinas do Segundo Currículo Mínimo

Enfoque das matérias	Disciplinas
Matérias de Fundamentação Geral	<ul style="list-style-type: none"> - Comunicação; - Aspectos Sociais, Políticos e Econômicos do Brasil Contemporâneo; - História da Cultura.
Matérias Instrumentais	<ul style="list-style-type: none"> - Lógica, - Língua Portuguesa e Literatura da Língua Portuguesa; - Língua Estrangeira Moderna; - Métodos e Técnicas de Pesquisa.
Matérias de Formação Profissional	<ul style="list-style-type: none"> - Informação Aplicada à Biblioteconomia; - Produção e Desenvolvimento de Coleções; - Controle Bibliográfico dos Registros do Conhecimento; - Disseminação da Informação; - Administração de Bibliotecas

Fonte: Elaboração própria com base no Documento Histórico (1983).

Verifica-se que, nos anos de 1960 à 1980, os elementos semióticos começam a ganhar espaço na formação do profissional bibliotecário a partir da entrada de conceitos linguísticos na Biblioteconomia nas disciplinas de teoria da comunicação, literatura e língua portuguesa, lógica e disciplinas de mestrado ofertadas pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (Almeida, 2016).

Com base nas análises das ementas do Segundo Currículo Mínimo (Documento Histórico, 1983) é possível depreender que a

disciplina de teoria das comunicações, voltada ao processo de comunicação, às modalidades das mensagens, natureza dos veículos e o inter-relacionamento da comunicação com ciências afins, podem se valer de conceitos semióticos para a compreensão do processo comunicacional, considerando que a estruturação, compreensão e transmissão das mensagens é realizada por determinadas classes de signos e que os sistemas de comunicação se estruturam a partir de sistemas semióticos.¹

A ementa da disciplina de Lógica possui objetivos que primam o ato de pensar (compreender e analisar) processos e coisas no desenvolvimento das funções do bibliotecário, além do estímulo da percepção e do raciocínio voltados às atividades biblioteconômicas, a partir dos conceitos de indução, dedução e a formalização do pensamento. Esses aspectos podem ser ligados à semiótica peirceana para uma melhor compreensão e aproveitamento das teorias que embasam os elementos citados, considerando as grandes contribuições de Peirce acerca da Lógica Pragmática e dos tipos de raciocínio.

A disciplina de Língua Portuguesa e Literaturas, por possuir em sua ementa os elementos, funções e modalidades da linguagem, pode beneficiar-se, além das teorias linguísticas, das abordagens semióticas de diversas correntes com o intuito de auxiliar o bibliotecário a expressar-se de modo claro e coerente no desempenho de suas atividades profissionais, além de propiciar uma compreensão de como se estruturam e produzem sentido as informações dentro dos documentos. Por outro lado, a disciplina de métodos e técnicas de pesquisa direcionada às modalidades de investigação podem fundamentar-se no método pragmático de Peirce.

Nos anos 1990, a partir do advento da internet, das mudanças e das facilidades para o acesso às tecnologias da informação, tornou-se necessário repensar e construir um novo perfil para o profissional bibliotecário no que

concerne às suas habilidades e competências perante as necessidades da sociedade vigente (Silveira, 2007).

Nesse sentido, por meio de eventos e reuniões que já vinham sendo coordenadas pela ABEBD, com destaque para os Encontro Nacional de Ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação (ENEBCI), tem-se discussões que primaram pela atuação dos docentes em relação às suas capacidades, suas práticas pedagógicas em interface com os currículos dos cursos e políticas educacionais, que direcionaram um movimento integrado dos docentes e profissionais a elaborar sugestões precisas para reformular os conteúdos e procedimentos pedagógicos dos cursos de Biblioteconomia no Brasil (Silveira, 2007).

Alinhado a esse cenário, tem-se a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei 9394/96), que viabilizou uma elaboração curricular mais flexível aproximada da realidade sociocultural e mercadológica do país, direcionando o ensino às competências e habilidades esperadas dos profissionais da época.

As Diretrizes Curriculares substituíram a noção de Currículo Mínimo, representando orientações para a formação dos projetos pedagógicos dos cursos que deveriam ser adotados pelas instituições de ensino superior do país, de acordo com as suas especificidades (Silveira, 2007; Hübner, 2021)

Posteriormente, o Parecer CNE/CES nº 492/200157 (2001), homologando as Diretrizes Curriculares Nacionais de diversos cursos, dentre eles o de Biblioteconomia, destinou-se a delinear, novamente, o perfil do profissional, suas competências e habilidades gerais e específicas, os conteúdos curriculares, os estágios, as atividades complementares, a estrutura do curso e a avaliação institucional. Assim, a estrutura curricular dos cursos de Biblioteconomia deveriam basear-se, a partir daquele momento, no modelo nacional desenvolvido pelo MEC.

Nesse documento do MEC, no perfil profissional dos formandos, é destacado o desenvolvimento de habilidades e competências gerais e específicas para enfrentar problemas que permeiam a prática profissional, produzir e disseminar conhecimento além de refletir criticamente sobre a realidade que envolve o profissional. Dentre os requisitos gerais do profissional da informação destacam-se a criação e divulgação de produtos e do conhecimento; a formulação e execução de políticas institucionais; planejamento e coordenação de programas e projetos; utilização de recursos disponíveis e novas tecnologias e; responder às demandas informacionais produzidas pelos usuários. Os requisitos específicos definem-se como agregar valor aos processos informacionais desde a geração, transferência e uso; utilizar e disseminar fontes de informação de quaisquer natureza; trabalhar com os processos de representação da informação mediante aplicação de conhecimentos teóricos e práticos de coleta, armazenamento, tratamento, uso e disseminação da informação.

2.2 Abordagens Semióticas

As possibilidades dos estudos semióticos no ensino de biblioteconomia para o tratamento da linguagem são múltiplas mediante os distintos movimentos intelectuais em nível mundial que caminharam rumo ao desenvolvimento científico da teoria semiótica, constituindo linhas teóricas e abordagens diferentes para o estudo dos processos de significação e das linguagens.

Para este trabalho, as principais abordagens semióticas estruturam-se em três linhas: semiótica peirceana, semiótica europeia e semiótica russa.

A primeira diz respeito à semiótica peirceana, teoria elaborada nos Estados Unidos, que se constitui a partir da obra de Charles Sanders Peirce, considerado, antes de tudo, filósofo e lógico, deu as bases da semiótica

Dessa forma, por assumirem o importante papel de mediadores entre informação e usuário, é necessário que os profissionais da informação tenham sua formação que, além de priorizar a prática, se fundamente em teorias, conceitos e metodologias que direcionam sua atuação (Moura *et al.*, 2002).

Em se tratando da inserção da semiótica no ensino de Biblioteconomia, Almeida (2016) observa que dos anos de 1990 até o período atual, os conteúdos semióticos figuram nas propostas das disciplinas de linguística e documentação, linguística documental e tratamento temático da informação. A partir dos anos 2000, foi possível observar a inserção de novas disciplinas influenciadas por elementos linguísticos nos cursos brasileiros de biblioteconomia. Tal fato se evidencia nos usos de expressões como “semiótica da informação”. Assim, essas disciplinas demonstram a presença das teorias semióticas nos currículos das disciplinas da Ciência da Informação brasileira, normalmente relacionadas à organização do conhecimento e análise documental.

moderna. Sua teoria conjuga diversas áreas, como a Filosofia, Lógica, Fenomenologia, Pragmatismo, entre outras. Compreende a semiótica como uma “filosofia dos signos”, sendo responsável pelas investigações acerca da essência signica e sua estruturação (Moura, 2006). Nesse contexto, a semiótica peirceana “[...] longe de ser uma ciência a mais, é, na realidade, uma Filosofia científica da linguagem, sustentada em bases inovadoras que revolucionam, nos alicerces, 25 séculos de Filosofia ocidental” (Santaella, 1983, pp.14). Considera como questão semiótica toda e qualquer forma de expressão, realização e produção humana, consolidando uma teoria geral e universal para o estudo dos signos. Sua semiótica encontra-se dividida em: lógica crítica, estuda as condições das inferências lógicas; retórica especulativa, análise das

relações entre símbolos, signos e seus interpretantes e; gramática especulativa, lei dos contextos gerais dos signos.

Peirce definiu a natureza triádica do signo, elaborou ensaios sobre suas categorias universais, denominadas Primeiridade, Secundidade e Terceiridade, elaborou as tricotomias dos signos, entre outras contribuições (Barros & Café, 2012). O signo na semiótica peirceana irá existir em uma ligação triádica entre *representamen*, o signo, que representará algo para alguém, o objeto, a coisa que o signo irá representar, e o interpretante, alguém a quem o signo irá se conduzir. A lógica triádica do signo em Peirce considera o signo: em sua relação em si mesmo, sua qualidade, uma existência; a relação entre o objeto e sua causa, sua essência, aquilo que determinará o signo, que é, simultaneamente, o que é representado pelo signo e ao qual será aplicado; a relação entre causa e interpretante, juntamente com as suas consequências e efeitos sobre o intérprete (Santaella, 2005).

A segunda linha refere-se à semiótica europeia, uma abordagem linguístico-semiológica-estrutural iniciada por Saussure (1969), fundador da linguística estrutural e do estruturalismo no século XX. Seu maior tributo aos estudos semióticos se fundamenta em seu plano de uma teoria de sistemas de signos, a semiologia. Tal teoria estaria encarregada dos estudos que compreendem “[...] a vida dos signos no seio da vida social” (Saussure, 1969, pp.24). A linguística estaria então subordinada à semiologia, enquanto essa se encontra no campo de estudo da psicologia social.

Saussure, em sua tradição linguístico-semiológica, estrutura o signo diádico, constituído por duas faces, o conceito e a imagem acústica. Essa concepção levou à definição do signo linguístico como uma entidade possuidora de duas faces, em seu caráter mental (Nöth, 1996).

O pensamento é o anverso e o som o verso não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro (Saussure, 1969, pp.131).

Ambas as faces constituintes do signo saussuriano foram renomeadas, assim, o conceito passou a ser denominado como significado, enquanto a imagem acústica torna-se o significante. Sua concepção sígnica também se fundamenta na arbitrariedade do signo, assim, o significante não possui, necessariamente, relações naturais com seu significado (Saussure, 1969).

Além disso, forneceu imprescindíveis contribuições aos estudos semióticos a partir do desenvolvimento de dicotomias, como: língua e fala, sincronia e diacronia, relações sintagmáticas e paradigmáticas, forma e conteúdo, entre outras.

Um de seus sucessores, Hjelmslev (1975), fundador da Escola de Copenhague, fundamenta seus trabalhos na linguística estrutural e na semiologia proposta por Saussure. Sua teoria, a glossemática, se preocupa com os fatores ligados aos sistemas semióticos, desconsiderando sua proporção pragmática (Nöth, 1996). Sua maior contribuição se apresenta na nova denominação dada aos conceitos de significado e significante de Saussure. Assim, o significante se torna expressão e significado se torna conteúdo. A estratificação de ambos os planos do signo origina quatro estratos: forma de conteúdo; forma de expressão; substância de conteúdo; substância de expressão. Desse modo, seu signo ficou restrito às formas de conteúdo e forma de expressão. Em sua estratificação, Hjelmslev tornará a forma, antes variável, em uma constante, enquanto a substância, anteriormente definida como imutável e essencial às coisas, se tornará mutável (Hjelmslev, 1975).

Posteriormente, Greimas (1977), sob influência dos semioticistas de tradição estruturalista, fundamenta-se no estudo do discurso baseado na premissa de que “[...] uma estrutura narrativa se manifesta em qualquer tipo de texto” (Nöth, 1996, pp.145). Nesse sentido, o texto na escola estruturalista francesa se define como um condutor da comunicação formado por plano de expressão e

plano de conteúdo arranjados de uma maneira responsável pela produção de sentido e pela transmissão de informações.

Define a semiótica como a teoria da significação que se processa ao analisar o nível acima e o nível abaixo do signo. Sua atividade traduzida em sua semântica estrutural busca, além de uma semântica da palavra, a semântica do texto (Greimas & Courtés, 1979).

Seu percurso gerativo de sentido configura outra grande contribuição de Greimas. Seu modelo gerativo procura explicar a geração de discurso em qualquer um dos sistemas semióticos. Esse processo se inicia em seu nível profundo, se estendendo até os níveis de maior complexidade, e cada um desses níveis conta com uma sintaxe e uma semântica própria. O nível profundo se fundamenta nas oposições entre termos no quadrado semiótico; o nível narrativo demonstrará a relação entre sujeito e objeto e as modalizações do ser e fazer; por fim, o nível discursivo apresenta a tematização e figurativização do enunciado, identificando suas isotopias (Alves et al., 2014).

A terceira linha diz respeito à semiótica da cultura, desenvolvida na Rússia, tendo como principal representante Yuri Lotman, que desenvolveu seus estudos com base nos fenômenos culturais a partir de ensaios sobre a tipologia da cultural, códigos culturais, textos e subtextos, fronteira semiótica, semiosfera entre outros (Lotman, 1996; Machado, 2003).

Um dos conceitos principais da semiótica, o texto, é visto nessa abordagem como um elemento primário (unidade básica) da cultura, trazendo uma relação indissociável entre texto e cultura na qual a própria cultura pode ser analisada como um grande texto ou a soma de diversos textos correlacionados que a modelam.

Na semiótica russa a noção de texto é abrangente e similar às configurações semióticas francesas, na qual o termo não exprime apenas ao conceito de um registro verbal, sendo aplicado à “[...] qualquer portador de significado integral” (Machado, 2003,

pp.105) que preenchem uma função comum, como uma obra de arte, uma peça musical, um espetáculo de teatro etc.

Ao discorrer sobre as tipologias da cultura, Lotman trouxe a definição de cultura como “o conjunto de informações não-hereditárias, que as diversas coletividades da sociedade humana acumula, conservam e transmitem” (Lotman, 1979, pp.31). A partir de um conjunto de teses elaboradas com o auxílio de outros importantes semioticistas russos, Lotman, aponta que a cultura possui uma certa unidade com uma estrutura hierárquica, isto é, ela opera como um conjunto de sistema de signos que possuem elementos que se apoiam um no outro sendo impossível funcionar isoladamente. Assim, uma cultura ou um texto, pode ser analisada por um ponto de vista interno ou por outro ponto de vista externo, no qual impera a desordem, a “entropia”. Internamente, ressalta-se a análise por meio de

[...] determinada informação de conteúdo e sob o ponto de vista do sistema de códigos sociais, os quais permitem expressar esta informação por meio de determinados signos e torná-la patrimônio desta ou aquelas coletividades humanas (Lotman, 1979, pp.32-33).

Para analisar a cultura a partir de suas relações internas ou externas é preciso compreender os códigos culturais que são estruturas complexas nas quais se armazenam informações para regular e controlar as manifestações de vida. Esses códigos representam o vocabulário mínimo da cultura e estão sempre em movimento, assim os códigos culturais são elementos que geram as mais variadas linguagens (sistemas modelizantes secundários) com o auxílio da língua natural (sistema modelizante primário).

Entretanto, os códigos só podem ser analisados e terem suas mensagens transmitidas dentro de um espaço semiótico denominado por Lotman de semiosfera, já que

Qualquer linguagem está imersa num espaço semiótico e só pode funcionar

na interação com esse espaço. A unidade da semiose, o menor mecanismo de funcionamento, não está numa linguagem separada, mas no todo do espaço semiótico da cultura em questão. [...] A semiosfera é o resultado e a condição para o desenvolvimento da cultura [...] As linguagens que preenchem o espaço semiótico são várias e elas estão relacionadas umas com as outras num espectro que vai da completa traduzibilidade mútua à completa intraduzibilidade mútua. A heterogeneidade é definida tanto pela diversidade de elementos quanto por suas funções (Lotman, 1990, pp.125).

Deste modo, na semiosfera são incorporadas as linguagens, os textos, e conseqüentemente, a cultura, bem como suas interações que produzem sentido e coevoluem os sistemas de signos mediante as interações e relações dialógicas que ocorrem em suas fronteiras e geram dinamicidade às construções sociais e textuais. Assim, essa fronteira que regula o que pertence ou não à semiosfera se caracteriza como “zona de liminaridade e

espaços de trânsito, de fluidez, de contato entre sistemas semióticos, [...] a fronteira configura uma superfície heterogênea e, portanto, irregular” (Machado, 2003, pp.159), ao atuar como um filtro.

O que está do lado de fora da fronteira semiótica só pode integrar o espaço interno, isto é, a semiosfera, se for traduzido, transformando o não-texto em texto, ou o caos, a desordem e a não-cultura em cultura. Essa tradução de mensagens externas em linguagem interna se dá por meio de códigos conhecidos pelos indivíduos que gera uma adaptação de texto de um sistema semiótico para o outro, mantendo características reconhecíveis em ambos os sistemas e excluindo características que não são possíveis de serem traduzidas e que não interferem na produção de significação do texto.

Percebe-se, assim, que todos os conceitos da semiótica da cultura estão interligados e fornecem complementação uns aos outros, estruturando suas relações, definições e elementos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, utiliza a pesquisa documental a fim de identificar as abordagens teóricas e conteúdos sobre semiótica presentes nos cursos de biblioteconomia no Brasil.

A pesquisa documental consiste em uma ampla e intensa análise de documentos buscando informações e realizando interpretações sobre determinada amostra. “A técnica documental vale-se de documentos originais, que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum autor. [...] é uma das técnicas decisivas para a pesquisa em ciências sociais e humanas” (Helder, 2006, pp.1-2).

O universo de pesquisa cobre todos os cursos de biblioteconomia do Brasil, isto é, os 73 cursos presentes no Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior,

também chamado de E-MEC (<https://emec.mec.gov.br/>). É importante salientar que o número de 73 cursos inclui cursos nas seguintes situações: *extintos, em processo de extinção, em atividade e não iniciados*. A primeira seleção da amostra baseou-se apenas nos cursos que constavam como em atividade, de acordo com a plataforma do E-mec.

Para fins da presente análise, foram considerados cursos na modalidade presencial e à distância.

Nessas condições, 54 cursos, ou seja, 73,9% do número total de cursos cadastrados na plataforma E-MEC, se encontram em atividade até o presente momento. Dos cursos que não foram selecionados, alguns se encontravam extintos (4 cursos) ou em

processo de extinção (3 cursos), enquanto outros que ainda não foram iniciados (12 cursos).

Visando selecionar os cursos em atividade que seriam analisados, utilizaram-se dois critérios de seleção: 1) possuir o projeto político pedagógico que estivesse em condições de ser acessado; 2) cursos com suas ementas e bibliografias, obrigatórias ou complementares, disponíveis.

Alguns cursos que se encontram em atividade não foram selecionados para análise por alguns dos motivos: a) não possuírem projeto pedagógico ou estrutura curricular disponível (9 cursos); b) possuírem apenas o projeto pedagógico e estrutura curricular, mas as informações mínimas sobre as ementas ou a bibliografia das disciplinas encontravam-se indisponíveis (10 cursos). Dessa forma, os cursos em atividade que foram desconsiderados por interferência de tais parâmetros configuram, aproximadamente, 26% do total de cursos de biblioteconomia brasileiros. As etapas de seleção, juntamente com os critérios adotadas em cada uma delas, estão representadas no Quadro 3.

Quadro 3: Número de cursos por critérios de seleção

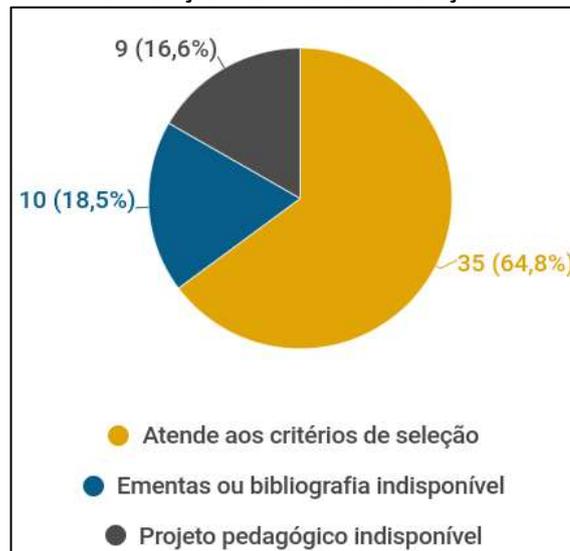
Etapa da seleção	Critérios estabelecidos	Cursos que se adequam ao critério adotado
1ª fase	Total de cursos registrados pelo E-MEC	73
2ª fase	Cursos em atividade	54
3ª fase	Projeto político pedagógico disponível	45
4ª fase	Ementa e bibliografia disponíveis	35

Fonte: Elaboração própria (2022).

Ao final, considerando as etapas de seleção anteriormente expostas, considerando os 73 que concebem o universo de pesquisa, apenas 35 deles, ou seja, 47,9% dos cursos

listados pelo E-MEC, satisfizeram os critérios determinados como ilustrado no Gráfico 1.

Gráfico 1: Quantificação dos cursos em atividade, em relação aos critérios de seleção



Fonte: Elaboração própria (2022).

A pesquisa documental voltou-se aos projetos pedagógicos e às disciplinas e seus planos de ensino, em especial, as ementas e as bibliografias. O objetivo foi identificar as correntes semióticas presentes nos temas das ementas, e os autores citados nas bibliografias das disciplinas. Primeiro, foram analisados os títulos das disciplinas para identificar as que, potencialmente, incluiriam conteúdos de semiótica (todas as que tematizavam direta ou indiretamente a linguagem). Depois foram analisadas as ementas e bibliografias para conferir os tópicos e autores comuns à semiótica.

A investigação contabilizou, ao todo, 1.417 disciplinas obrigatórias dos 35 cursos previamente selecionados. Contudo, não foi levado em conta as disciplinas que se referiam ao desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso (TCC) e aos estágios, já que tais disciplinas não possuem necessariamente conteúdos teóricos.

Em relação à análise das bibliografias, recorreu-se ao livro "Semiótica: Bibliografia comentada", de Santaella & Nöth (1999), para situar os teóricos utilizados nessas disciplinas de

acordo com a corrente semiótica da qual fazem parte.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De todas as 1.417 disciplinas analisadas, apenas 29 delas, ou seja, cerca de 2,05%, possuem componentes evidentes das teorias semióticas em suas ementas e/ou bibliografias. Essa porcentagem demonstra a infravalorização da semiótica no que se refere à biblioteconomia brasileira, principalmente na formação de novos bibliotecários e profissionais da informação.

Para as análises, após a identificação das disciplinas com conteúdos semióticos em suas ementas e planos de ensino, foram verificadas a carga horária total dessas disciplinas e sua distribuição em aulas/atividades teóricas e práticas (Quadro 4).

Quadro 4: Carga horária das disciplinas analisadas

Universidade	Disciplinas	Carga horária	Característica
UNESP	Linguagens e Gêneros Documentais	30h	Teórica
	Escrita Científica	60h	Teórico-prática
	Fundamentos das Ciências da Comunicação e da Informação	60h	Teórica
	Leitura Documentária	30h	Teórico-prática
	Sociedade, Cultura e Registros do Conhecimento	60h	Teórico-prática
USP	Introdução à Análise Documentária	60h	não especificado
	Linguagem Verbal nos	120h	não especificado

	Meios de Comunicação		
	História da Cultura e da Comunicação I	60h	não especificado
	Infoeducação: teoria e prática	60h	não especificado
	Documentação e Audiovisual	60h	não especificado
	Linguística Documentária	60h	não especificado
UFG	Introdução à Linguística	64h	Teórica
	Editoração e Planejamento Gráfico	64h	Teórico-prática
UNIASSELVI	Estudo Transversal	20h	Teórica
UFSCAR	Comunicação e Expressão	60h	Teórico-prática
	Estudos da Linguagem em Ciência da Informação	60h	Teórica
UFES	Informação, Comunicação e Documento	60h	Teórica
UFPA	Linguagens de Indexação	64h	Teórica
	Teoria da Comunicação e Informação	64h	Teórica
UFR	Análise da Informação	60h	Teórico-prática
	Fundamentos de Comunicação	60h	Teórico-prática

	Indexação	60h	Teórico-prática
UFPB	Fundamentos Científicos da Comunicação	60h	Teórica
FURG	Produção Textual	60h	não especificado
UFC	Cultura e Mídia	64h	Teórica
	Teorias da Informação e da Comunicação	64h	Teórica
	Representação Temática da Informação: Indexação	96h	Teórico-prática
UFCA	Teorias da Informação e da Comunicação	64h	Teórica
CLARETIANO	Estudos Literários e Linguísticos Aplicados à Biblioteconomia	60h	Teórica

Fonte: Elaboração própria (2022).

Das 29 disciplinas analisadas 1 possui carga horária de 20h, duas disciplinas com carga horária de 30h, 17 disciplinas com 60h, 6 disciplinas com 64h, 1 disciplina com 96h e 1 disciplina com 120h. Quanto à classificação das disciplinas, observa-se que 13 disciplinas (44,82%) são de base teórica, enquanto 9 disciplinas (31,03%) são disciplinas de abordagem teórico-prática e 7 disciplinas (24,13%) não possuem essas informações discriminadas em seus projetos pedagógicos e ementas.

Essa análise demonstra uma mudança quanto às abordagens e práticas de ensino das disciplinas relacionadas à semiótica nos últimos anos, já que no primeiro e no segundo currículo mínimo de ensino de Biblioteconomia, datados de 1962 e 1982, respectivamente, tem-se

especificado o caráter técnico-instrumental de determinadas disciplinas de cunho linguístico-semiótico que em seus ementários e nas distribuições de matérias apresentavam configurações meramente instrumentais e não tanto explicativas.

A análise das 29 disciplinas selecionadas explicitou, também, as relações interdisciplinares entre a biblioteconomia e a semiótica no Brasil, mesmo que de modo ainda emergente, por meio da presença de conceitos semióticos em suas ementas, de acordo com o evidenciado no Quadro 5.

Quadro 5: Disciplinas que possuem elementos semióticos

Universidade	Disciplinas	Conceitos
UNESP	Linguagens e Gêneros Documentais	Linguagem, estrutura, comunicação
	Escrita Científica	Linguagem, comunicação, gramática, língua, expressão verbal e não-verbal
	Fundamentos das Ciências da Comunicação e da Informação	Comunicação, teorias da comunicação, teorias semióticas
	Leitura Documentária	Produção de sentido, linguagem
	Sociedade, Cultura e Registros do Conhecimento	Comunicação
USP	Introdução à Análise Documentária	Interpretação, compreensão, produção de sentido
	Linguagem Verbal nos Meios de Comunicação	Linguagem, estrutura da linguagem, linguística, comunicação
	História da Cultura e da Comunicação I	Comunicação, imagem, audiovisual, fala,

		línguas, linguagem, códigos				
	Infoeducação: teoria e prática	Significação		UFPA	Linguagens de Indexação	Linguagem, sintaxe, semântica, pragmática, sentido, linguagem
	Documentação Audiovisual	Documentos audiovisuais, iconográfica			Teoria da Comunicação e Informação	Comunicação, estruturalismo, signos
	Linguística Documentária	Linguística, teorias da linguagem, linguagem, forma, conteúdo, signos, semiose, linguagem natural, linguagem artificial, relações linguísticas		UFR	Análise da Informação	Linguística, semântica, semiótica
					Fundamentos de Comunicação	Teoria da Comunicação, semiótica da comunicação
					Indexação	Linguística, semântica, semiótica, linguagens
UFG	Introdução à Linguística	Língua, linguagem, línguas naturais, fenômenos linguísticos, sinonímia, polissemia, semiótica, semântica		UFPB	Fundamentos Científicos da Comunicação	Comunicação, signo, código, mensagem
	Editoração e Planejamento Gráfico	Linguagem, comunicação, sintaxe, linguagem, conteúdo		FURG	Produção Textual	Linguístico, não linguísticos
UNIASSSELVI	Estudo Transversal	Interpretação, imagens, comunicação		UFC	Cultura e Mídia	Semiótica da cultura, teorias da comunicação, códigos, símbolos
	Comunicação e Expressão	Expressão			Teorias da Informação e da Comunicação	Comunicação, polissemia, imagem e realidade
UFSCAR	Estudos da Linguagem em Ciência da Informação	Linguística, linguagem, teoria da comunicação, signo, significante, significado, sintaxe, semântica, pragmática, relações de sentido			Representação Temática da Informação: Indexação	Linguística, linguagens
				UFCA	Teorias da Informação e da Comunicação	Comunicação, concepção referencial da linguagem, dimensão simbólica e interlocutiva da linguagem
UFES	Informação, Comunicação e Documento	Linguagem natural, linguagem artificial, signo, significado, significante, referência		CLARETIANO	Estudos Literários e Linguísticos Aplicados à	Linguística, Saussure, língua, fala, significado, significante,

	Biblioteconomia	diacronia, sincronia, linguagem natural, significação
--	-----------------	--

Fonte: Elaboração própria (2022).

A presença desses conceitos serve como uma demonstração da necessidade das diversas teorias semióticas nas fundamentações teóricas e metodológicas da Biblioteconomia no Brasil.

Evidencia-se que os conceitos semiológicos-linguísticos são os mais presentes na constituição das disciplinas dos cursos de biblioteconomia de diversas universidades brasileiras. Tal fato se comprova mediante a figuração de conceitos como linguagem, língua, fala, estrutura, linguagem natural e artificial, significado e significante, diacronia e sincronia, e até mesmo a alusão a Saussure feita nas ementas de 15 dessas disciplinas (cerca de 51,8% das disciplinas analisadas).

Conceitos semióticos de caráter geral, como sentido, interpretação, significação, signo, semiose, compreensão, semiótica, e teorias semióticas, constaram em 12 disciplinas analisadas (cerca de 41,4% das disciplinas).

Algumas disciplinas, apesar de não apresentarem o termo “semiótica” ou termos linguístico semiológicos, possuem conceitos e referências bibliográficas básicas e complementares que representam a utilização da semiótica nas abordagens de ensino, como a disciplina de Sociedade, Cultura e Registros do Conhecimento, da UNESP; Introdução à Análise Documentária, Documentação Audiovisual, Infoeducação: teoria e prática, da USP; Comunicação e expressão, da UFSCar; Produção Textual, das FURG; Representação Temática da Informação: Indexação e Teorias da Informação e da Comunicação, da UFC.

Ademais, é possível depreender que, a preeminência da semiótica de abordagem semiológica e de abordagem geral ocorrem em razão da: a) existência dos campos de Organização e Representação da Informação, ambos campos contam com processos

fundamentados na linguagem; b) o objetivo de apresentar a semiótica de maneira introdutória e mais generalizada no que, muitas vezes, configura o primeiro contato dos futuros bibliotecários com área do conhecimento.

Também foram analisadas as bibliografias básicas e complementares das disciplinas para identificar os teóricos da semiótica mais utilizados no ensino de biblioteconomia (Quadro 6).

Quadro 6: Número de indicações nas bibliografias por teórico

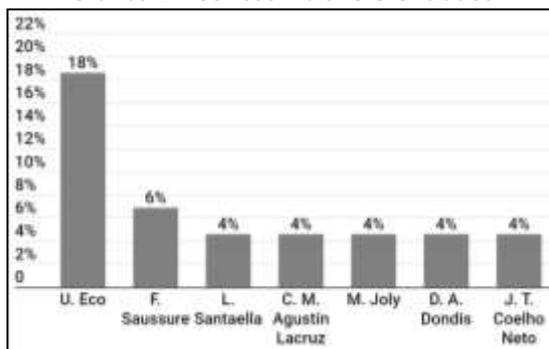
AUTORES	QUANTIDADE DE INDICAÇÕES
U. Eco	8
F. Saussure	3
L. Santaella	2
C. M. Agustín Lacruz	2
M. Joly	2
D. A. Dondis	2
J. T. Coelho Neto	2
J. E. D. Bordenave	1
J. G. Meunier	1
C. Silva Neto	1
J. W. Smit	1
C. C. Almeida	1
C. S. Peirce	1
I. Blikstein	1
A. Mattelart	1
M. Matellart	1
M. P. Manini	1
M. L. G. Lara	1
J. Lyons	1
J. L. Fiorin	1
A. P. A. Lopez	1
D. J. Baudrillard	1
J. Bruner	1
B. Bettelheim	1
E. A. V. Pietfort	1
U. G. Baranow	1
B. Schnaiderman	1
V. Bentes Pinto	1
I. Machado	1
TOTAL	43

Fonte: Elaboração própria (2022).

Os autores mais citados nas bibliografias das disciplinas foram, respectivamente, Umberto Eco (8 referências), correspondente a uma base semiótica de fundamentação geral, responsável pela produção de conteúdos tanto de matriz peirceana quanto estruturalista; Ferdinand Saussure (3 referências), principal

representante da linha estruturalista da semiótica e primeiro teórico a sugerir o desenvolvimento de uma ciência que se ocupa das leis que regem os signos na vida social; José Teixeira Coelho Netto (2 referências), comentador da semiótica de linha peirceana e estruturalista; Lúcia Santaella (2 referências), principal comentadora brasileira da abordagem semiótica de Charles S. Peirce; Donis A. Dondis (2 referências), pesquisador das abordagens pertencentes à semiótica visual e; Martine Joly (2 referências), pesquisadora sobre semiótica visual, com base na semiótica peirceana. Autores com apenas uma referência não foram considerados para essa análise (Gráfico 2).

Gráfico 2: Teóricos mais referenciados



Fonte: Elaboração própria (2022).

A manifestação desses autores em diversas bibliografias, pode ser justificada pelo fato das obras mais citadas serem de caráter introdutório e geral, fornecendo as primeiras bases para os estudos semióticos na biblioteconomia, por exemplo, as obras *Tratado Geral de Semiótica* de Umberto Eco; *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand Saussure; *Semiótica, Comunicação e Informação* de José Teixeira Coelho Netto; *Sintaxe da Linguagem Visual* de Donis A. Dondis.

Buscando explicar a predominância dos elementos e abordagens linguístico-semiológicos expõe-se a relevância dos conceitos da linguística na análise documental e

a organização do conhecimento “[...] para explicar as operações linguísticas e lógicas realizadas sobre os documentos” (Almeida & Farias, 2016, pp.62).

Ao retomar as reflexões de Almeida & Farias (2016), evidencia-se que o grupo de pesquisa Temma, da Universidade de São Paulo, teve notável importância para a introdução das teorias da linguística e semiótica de linha francesa no Brasil. Esse grupo também foi um dos fatores responsáveis pela incorporação, em 1980, dos especialistas em semiótica do exterior como fontes para os autores brasileiros de Ciência da Informação. O grupo Temma colaborou com a consolidação das bases teóricas, fato atuante para a integração de outras teorias semióticas na Ciência da Informação brasileira.

Tais fatos são capazes de fundamentar o destaque das teorias semióticas da escola francesa no que se refere ao ensino da biblioteconomia no Brasil.

Verificou-se que, apesar da semiótica peirceana ser uma das bases semióticas principais, os livros e escritos de Peirce são pouco utilizados, estando presentes em apenas uma das bibliografias analisadas. Em perspectiva similar, a semiótica de matriz russa também aparece pouco no rol das bibliografias discutidas, sendo representada por dois comentadores nas bibliografias das disciplinas: Boris Schnaiderman (1) e Irene Machado (1).

A presença da semiótica na pesquisa em Ciência da Informação nem sempre redundava em sua incorporação nos cursos de graduação em biblioteconomia. Esse fato mostra que o uso da semiótica, geral ou aplicada, pode estar condicionado ao nível teórico, mas não se materializa na renovação da prática profissional, especialmente no tratamento de documentos não verbais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face ao exposto, é possível demonstrar uma inconsistência entre os

discursos que apontam a relevância das diversas semióticas na biblioteconomia e seu

ensino durante a formação dos novos bibliotecários. Tal fato é demonstrado quando se considera que, entre 1.417 disciplinas de 35 cursos de biblioteconomia analisados, apenas 2,05% das disciplinas tratam de semiótica explicitamente ou utilizam-se de sua bibliografia.

O baixo número de disciplinas obrigatórias dos currículos de biblioteconomia que se utiliza de elementos teórico-metodológico-conceituais semióticos ilustra o nível das relações interdisciplinares entre Ciência da Informação e Semiótica, relações essas que, ainda hoje, encontram-se em situação emergente e em plano desenvolvimento.

As disciplinas que apresentam semiótica em sua base são de diversas áreas, como comunicação (10), linguística (5), indexação (3), estudos do texto (3), estudo da cultura (2), análise da informação (2), informação em diversos tipos de formatos e suportes (2), editoração (1) e infoeducação (1). Essa pulverização de temas também pode dificultar o entendimento das linhas semióticas.

Ao identificar o destaque recebido por alguns autores e suas obras nas bibliografias analisadas se torna imprescindível entender quem são eles. O linguista Saussure (1969) foi responsável pelas bases da semiologia e seu trabalho ficou conhecido pelo uso das dicotomias, como língua e fala, significado e referente por seus trabalhos com o conceito de valor.

Umberto Eco fundamentou sua teoria semiótica nos pensamentos de Kant, Peirce e Saussure. Eco (1991), em sua obra *Tratado geral de Semiótica*, apresenta uma teoria geral dos sistemas de significação, juntamente com elementos da estética, lógica e linguística.

6 AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa recebeu o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento

Coelho Netto (1999) expressa as diversas visões do que seria a semiótica, suas convergências e divergências e suas diferentes aplicações.

Por sua vez, Lúcia Santaella é responsável pela disseminação da semiótica de Charles Peirce no contexto brasileiro. A teoria de Peirce dá grande importância para a Fenomenologia e originou as Categorias Universais do Signo.

Assim, considerando os autores mais citados e as aplicações da semiótica mais referenciados, é possível concluir que a abordagem linguístico-semiológica-estrutural, especialmente no que se refere ao tratamento documental, é a corrente semiótica mais utilizada nas disciplinas dos cursos analisados. Contudo, o peso do debate semiótico é insignificante frente a outras demandas da formação em biblioteconomia.

Conclui-se que as bibliografias dessas disciplinas voltam-se mais para obras que façam introdução à semiótica geral e suas diversas teorias, uma abordagem mais adequada para um primeiro contato com a teoria. Assim, o contato com os clássicos da semiótica fica restrito ao trabalho dos comentadores.

Esse estudo evidenciou adicionalmente uma lacuna existente no acesso às informações referentes aos cursos de biblioteconomia no Brasil. Cerca de 35% dos cursos em atividade no Brasil foram desconsiderados nesta análise pelas dificuldades em acessar seus projetos políticos pedagógicos ou suas ementas e bibliografias.

Espera-se que os temas da semiótica recebam mais atenção da formação profissional nos próximos anos de modo a superar as dificuldades associadas ao tratamento e recuperação da informação nos mais diversos códigos.

Científico e Tecnológico - CNPq, Chamada CNPq Nº 4/2021 - Bolsas de Produtividade em

Pesquisa - PQ, Processo: 316198/2021-8 e o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Estendemos nossos agradecimentos ao grupo de pesquisa Fundamentos Teóricos da Informação (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2580>).

REFERÊNCIAS

- Almeida, C. C. (2011). Elementos de Linguística e Semiologia na Organização da Informação. *Cultura Acadêmica*.
- Almeida, C. C. (2016). A semiótica na Ciência da Informação brasileira. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, 9(2), 1-27. <https://ancib.org/revistas/index.php/tpbci/article/view/399>.
- Almeida, C. C. de, & Quirino da Silva Farias, M. C. (2016). Análise das Teorias Semióticas na Ciência da Informação Brasileira: Autores e Teóricos. *Scire: Representación Y Organización Del Conocimiento*, 57–66. <https://doi.org/10.54886/scire.v22i2.4354>
- Almeida, N. B. F. de. (2012). *Biblioteconomia no Brasil: análise dos fatos históricos da criação e do desenvolvimento do ensino*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília].
- Alves, R. C. V., Moraes, J. B. E. de, & Almeida, C. C. de. (2014). Semiótica del discurso científico: un estudio sobre nuevas perspectivas para el análisis documental del contenido. *Scire: Representación Y organización Del Conocimiento*, 20(2), 55–59. <https://doi.org/10.54886/scire.v20i2.4184>
- Antonio, D. M. (2008). O percurso gerativo de sentido aplicado à análise documental de textos narrativos de ficção: perspectivas de utilização em bibliotecas universitárias. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”].
- Barros, C. M. de, & Café, L. M. A. (2012). Estudos da semiótica na Ciência da Informação: relatos de interdisciplinaridades [Review of *Estudos da semiótica na Ciência da Informação: relatos de interdisciplinaridades*]. *Perspectivas Em Ciência Da Informação*, 17, 18–33. *Brapci*. <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/38265>
- Coelho Netto, J. T. (1999). *Semiótica, informação e comunicação*. Perspectiva. (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2580>).
- Documento Histórico (1983). Nova proposta de currículo mínimo. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, 11(1), pp.137-148. <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/78376>. Acesso em: 21 out. 2022.
- Eco, U. (1991). *Tratado Geral de Semiótica*. Perspectiva.
- García Gutiérrez, A.L. (1984). *Linguística documental: aplicación a la documentación de la comunicación social*. Mitre.
- Greimas, A. J. (1977). *Semântica estrutural*. Cultrix.
- Greimas, A. J., & Courtés, J. (n.d.). *Dicionário de semiótica* (A. D. Lima, D. L. P. de Barros, E. P. Cañizal, E. Lopes, I. A. da Silva, M. J. C. Sembra, & T. Y. Miyazaki, Trans.; 9th ed.). Cultrix.
- Helder, R. R. (2006). *Como fazer análise documental*. Porto: Universidade de Algarve.
- Hjelmslev, L. T. (1975). *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Perspectiva.
- Hübner, M. L. F. (2021). *O Ensino de catalogação no Brasil: contexto histórico e desafios contemporâneos*. [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo].
- Jakobson, R. (2010). *Linguística e comunicação*. 22.ed. Tradução de Izidoro Blikstein; José Paulo Paes. Cultrix.
- Lotman, I. M. (1979). Sobre o problema da tipologia da cultura. In B. Schnaiderman (Org.), *Semiótica russa* (pp. 31-41). Editora perspectiva.
- Lotman, I. M. (1990). *Universe of the Mind. A Semiotic Theory of Culture*. Bloomington: Indiana University Press.
- Lotman, I. M. (1996). *La semiosfera I: Semiótica de la cultura y del texto*. Madrid: Cátedra.

- Machado, I. (2003). Escola de Semiótica: a experiência de Tártu - Moscou para o estudo da cultura. Ateliê Editorial.
- Mounin, G. (1971). Introduction à la sémiologie. Paris: Minuit.
- Moura, M. A. (2007). Ciência da informação e semiótica: conexão de saberes 10.5007/1518-2924.2006v11nesp3p1. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia E Ciência Da Informação, 11(2). <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2006v11nesp3p1>
- Moura, M. A., Silva, A. P. & Amorim, V. R. (2002). A concepção e o uso das linguagens de indexação face às contribuições da semiótica e da semiologia. Informação & Sociedade: Estudos, 12.
- Murillo, A. P., Simi, M. & Golub, K. (2020). The Series on "Emerging Interdisciplinary Curricula in Information Science". Education for Information, 36(2), pp. 107-108. 10.3233/EFI-200399
- Parecer CNE/CES nº 492/200157, aprovado em 03 de abril de 2001. (2010). Institui as propostas de diretrizes curriculares dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Conselho Nacional de Educação/Câmara Superior de Educação. https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_CES0492.pdf?query=curriculo
- Santaella, L. (2005). Semiótica aplicada. Pioneira Thomson Learning.
- Santaella, L. & Nöth, W. (1999). Semiótica: bibliografia comentada. Experimento.
- Saracevic, T. (1995). Interdisciplinary nature of information science. Ciência da Informação, Brasília, 24(1), pp. 36-41.
- Saussure, F. (1969). Curso de Linguística Geral. Cultrix.
- Silveira, F. J. N. da. (2007). Biblioteca como lugar de práticas culturais: uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia no Brasil. [Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais].
- Souza, F. das C. de. (2009). O ensino de Biblioteconomia no contexto brasileiro. Florianópolis: UFSC.
- Valentim, M. L. P. profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional. In: Valentim, M. L. P. et al. (Org.). O profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000. pp. 7-16.

NOTAS

- ¹ Para maior compreensão do tema ver a semiologia da Comunicação de Mounin (1971) e a teoria da Comunicação de Jakobson (2010).